

A comunicação Intercultural e as Travessias Narradas por imigrantes Venezuelanos em Roraima e Amazonas¹

Vângela Maria Isidoro de MORAIS²
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Esta pesquisa aborda as narrativas construídas por imigrantes venezuelanos nas cidades brasileiras de Pacaraima, Boa Vista e Manaus, com o objetivo de compreender quais os sentidos comunicados e de que forma esses mapas narrativos podem ser analisados numa perspectiva intercultural, afetiva e vinciativa da comunicação. As reflexões resultam de uma experiência etnográfica em diálogo com as estratégias sensíveis (Sodré, 2008) e com o intercultural na comunicação (Elhajji, 2023). As narrativas apontam para a potência subjetiva dessa partilha simbólica, fundamental para a reconfiguração da cena migratória e para os desafios ético-políticos do agir comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: migração venezuelana; comunicação; Amazônia; interculturalidade; afetividade.

INTRODUÇÃO

A mídia realiza um papel central na formação da opinião pública sobre o fenômeno migratório venezuelano na fronteira Norte do Brasil, promovendo apropriações de informações/opiniões nas frentes conflitivas das relações sociais. Todavia, há uma tímida expressão das subjetividades dos imigrantes na cobertura midiática, o que reduz culturalmente as perspectivas plurais de interpretação dessa realidade e dificulta a empatia com os que vivenciam o deslocamento de sua pátria.

Esse contexto inspirou esta pesquisa que tem o objetivo de compreender as subjetividades daqueles que diretamente vivem a experiência migratória Venezuela-Brasil em Roraima e no Amazonas. Quais os sentidos elaborados pelos imigrantes sobre o processo de mobilidade enfrentado por eles? De que forma as narrativas podem ser analisadas numa perspectiva intercultural, afetiva e vinciativa da comunicação?

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFRR, email:vangela.morais@ufr.br

Refletimos sobre as subjetividades dos imigrantes nesse contexto de crise humanitária como ponto de problematização do comunicacional, associando a categoria intercultural como chave de compreensão do sujeito migrante.

Seus deslocamentos físicos, sociais, culturais e subjetivos o impelem a aderir mental e corporalmente a uma multiplicidade de lugares e territórios, mergulhar sensível e inteligivelmente em suas realidades, traduzi-las e se deixar por elas envolver e traduzir (Elhajji, 2023, p. 87).

Uma das formas de expressão de subjetividades dos imigrantes ocorre por meio de sua “estação” narrativa. É assim que Elhajji examina as dinâmicas das comunidades diaspóricas e incentiva a comunicação intercultural como uma nova episteme, como método e suporte de análise num mundo cada vez mais marcado pelos trânsitos e trocas simbólicas.

Essa perspectiva remete aos estudos de Muniz Sodré (2006) sobre afeto, mídia e política, e sua “desconfiança crítica” acerca das estratégias discursivas no jogo da comunicação. Precisamos de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação como praxis social, de acordo com Sodré. E, para isso, é necessário um ajustamento afetivo e somático de aproximação com as diferenças, por meio de um exercício comunicativo que oriente as situações concretas da vida, promovendo vínculos humanos instaurados pela compreensão da partilha do comum (Sodré, 2006).

O desenho metodológico da pesquisa e seus sujeitos

A pesquisa realizada em 2022 ocorreu em Roraima (cidade fronteira de Pacaraima e Boa Vista) e no Amazonas (Manaus), principal itinerário dos imigrantes venezuelanos que acessam o Brasil pelo portal amazônico. O grupo foi constituído por quatro mulheres e três homens, todos adultos. À exceção de uma indígena que se encontrava em um abrigo, o encontro deu-se com imigrantes fora de alojamentos institucionais, em formato mais livre para potencializar as trocas comunicativas. Adotamos nomes fictícios.

Carlos é de Puerto La Cruz e fez sua primeira travessia em 2012. Ele intensificou esse itinerário com o agravamento da situação econômica na Venezuela. Atua com venda de alimentos e estava de passagem pela cidade de Pacaraima.

O casal Aura e Santiago são professores visitantes na Universidade Federal de Roraima. Proveniente de Caracas, ambos estiveram no Brasil entre 1996 e 2003, durante

mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Eles vivenciam a segunda experiência migratória no país e residem em Boa Vista.

Rafael tem curso de soldador, vem de Ciudad Bolivar e no Brasil faz serviços gerais. É casado e tem três filhos. Mora em Boa Vista.

Ana é de Ciudad Bolivar, casada e mãe de duas crianças. Encontra-se no Brasil desde 2019, é vendedora informal de alimentos em Manaus.

Rosa é proveniente de Miranda, é casada e tem uma filha de sete anos. Chegou ao país em 2019 e trabalha como camareira em um hotel em Manaus.

Isis é indígena Warao, trabalha com artesanato, é casada e tem três filhos pequenos. Reside provisoriamente no abrigo Tarumã-Açu, zona oeste de Manaus.

Organizamos as subjetividades inicialmente pela aproximação e observação (Elhajji, 2023, p. 90). Sublinhamos que as aproximações em vias públicas demandaram maior ajustamento subjetivo. Em Pacaraima, com os imigrantes em condições de rua ou enfrentando filas para encaminhar demandas, o cenário agravou a noção sobre urgências, promovendo certo constrangimento em tratar da pesquisa. Em Manaus, a concorrência com os signos urbanos foi o principal desafio para aproximação e posterior conversação. Já com os imigrantes em Boa Vista, por laços de convivência anteriormente construídos, a aproximação se beneficiou da confiança.

Marcadores narrativos da conversação

Da conversa com Carlos no ponto de taxi em Pacaraima, o destaque é a marca frequente da religiosidade cristã em sua narrativa: “*Hay muchos venezolanos que sienten que no pueden moverse porque no tienen dinero. Si no tengo dinero me muevo porque tengo un Padre que tiene poder. Soy fuerte en Cristo Jesús para ganar una batalla todos los días*”.

Para Aura e Santiago, suas experiências apontam para os contextos diferenciados das migrações. Como estudantes internacionais na USP eles afirmam que não se sentiram migrantes. Já em contexto mais recente, e mesmo diante de uma situação pessoal mais favorável, há uma cota comum de sofrimento na partilha de um cotidiano, como assinala Santiago: “*Es difícil escuchar cosas sobre todo contra los más vulnerables, en situaciones muy complicadas*”.

Ao menos dois aspectos se sobressaem da narrativa de Rafael que busca serviços porta a porta em Boa Vista: a cartografia do racismo e outras violências em múltiplas escalas.

He escuchado: 'No quiero hablar contigo, los venezolanos son ladrones'. Hay esta polémica con la gente, más aquí en esta zona de la ciudad. Casi no lo siento en los demás. A veces, cuando hablo, la persona grita 'fuera de mi casa'. Debe ser porque la gente es blanca, bonita y yo soy negro, feo.

Outra violência, relatada por Rafael, decorre dele não ter recursos para resgatar de um garimpo na Venezuela uma filha de cinco anos que ficou sob os cuidados de uma senhora. As “regras” instituídas pelo crime organizado na região aprofundam as dificuldades. Sobre tudo isso, Rafael desabafa: *“Aquí conocí gente buena, gente que maltrata, pero esta es mi última esperanza en el mundo, porque ya he pasado por cosas terribles”*.

O trabalho é a marca da conversa com Ana, vendedora de mingau numa avenida em Manaus. Mesmo na informalidade, a sua atuação é celebrada pela sensação de autonomia permitida pelo apoio de outra mulher, sua mãe. *“Antes no podía porque necesitaba quedarme con los niños. Lloré mucho, una porque aquí no había nadie, y otra porque estaba acostumbrada a trabajar y me empezó a estar encerrada en una casa”*.

De Rosa, a camareira, restam dois sentidos fortes: um sobre a tecnologia móvel que ajuda a amenizar a saudade de sua mãe que ficou na Venezuela, e outro sobre os traumas da travessia noturna que ela, o esposo e sua filha fizeram durante a pandemia. Com as fronteiras fechadas, eles acessaram o Brasil por rotas alternativas. Rosa conta que para conter a filha diante do medo, disse-lhe: *“calla hijita, porque si nos agarran, no sabemos, tu padre puede ir por un lado, yo puedo ir por otro, y ella también puede ir por otro. Y los tres teníamos que quedarnos juntos.”*

Isis, do povo Warao, destaca indiretamente o desejo de liberdade, de ter uma experiência de vida familiar no Brasil diferente da que tem experimentado no abrigo público. *“Tengo muchas ganas de vivir en un lugar libre, donde nadie me diga que tengo que volver en un momento así, no. Quiero tener mi hogar, con mi familia”*.

Considerações finais

As subjetividades reportam algumas constâncias, o agravamento socioeconômico na Venezuela; o deslocamento transnacional; a busca de alternativas para uma vida

melhor; e o *status* provisório/permanente (Sayad, 1998). Mas são as trajetórias particulares que descaracterizam a homogeneidade da migração. As acepções culturais de pertença, autonomia, medo e resiliência enredam temas como religiosidade, estratificação social, racismo, travessias e violências, inserção laboral, tecnologias e tensionamentos na estrutura dos abrigos.

A interculturalidade é um exercício contínuo envolvendo todos os sujeitos e suas trocas. O próprio código cultural empregado na zona híbrida do portunhol é um exemplo dessa partilha operacionalizada por uma vontade solidária, ou como diz Sodré (2006), por uma comunhão dos sujeitos em relação. Os dispositivos dos afetos e da vinculação compreensiva que estão na base singular dessa experiência mobilizam o potencial da comunicação como *praxis* social; e é esse agir comunicacional que indica o direcionamento político dos inúmeros desafios que cercam a migração venezuelana no Brasil.

REFERÊNCIAS

COGO, Denise. **Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro.** Comunicação Informação, Goiânia: UFG, 4, (1/2), 11-32, 2001.

EIHAJJI, Mohammed. **O intercultural migrante: teorias & análises.** Porto Alegre: Fi, 2023.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica.** Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Sao Paulo: Edusp, 1998

SILVA, Sidney A. Haitianos em Manaus: mercado de trabalho e exercício da cidadania. In SILVA, Sidney A; ASSIS, Gláucia. **Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais.** Manaus: EDUA, 2016.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.** Petrópolis: Vozes, 2006.